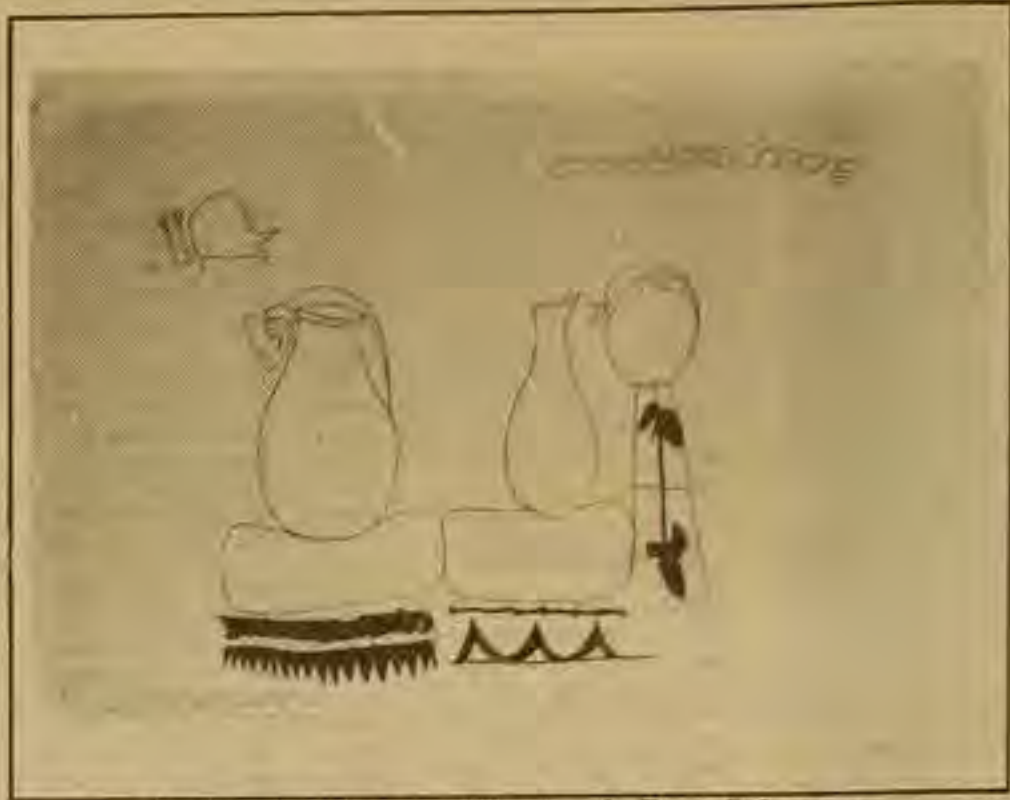


A partir de hoje, objetos de Willys de Castro, desenhos de Ester Grinspum, imagens de Carmela Gross e retrospectiva de pintores da Bahia



Em "Quasares", as imagens "desgastadas" de Gross



Motivos egípcios nos desenhos de Ester Grinspum

Objetos de Willys de Castro

Técnicas variadas nas mostras

Foto/Divulgação

ÂMBAR E BARROS

A abertura, hoje, de cinco mostras que exploram diferentes aspectos da linguagem visual faz a chuvosa e cinzenta São Paulo dos últimos dias ganhar novas cores e contornos. São quatro exposições, duas delas no MAC (Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera) - uma individual dos desenhos de Ester Grinspum e uma coletiva de seis artistas baianos -, uma individual de Willys de Castro, há quase 20 anos sem expor na cidade, e uma série de imagens de Carmela Gross, a artista convidada para inaugurar oficialmente em São Paulo as atividades do Espaço Arte Brasileira Contemporânea, o ABC da Funarte. Há ainda os desenhos de figuras do cotidiano, de Ivanir Geraldo Vianna.

Paralelamente a essas mostras, será aberto hoje o 4º Salão Oficial de Artes Plásticas, no hall nobre do Palácio das Convenções do Anhembi, que reúne 400 obras de pintores e escultores consagrados. Os participantes do salão receberão prêmios que vão das tradicionais medalhas a viagens, jóias e até roupas da alta costura, e seus trabalhos poderão ser vistos pelo público a partir de amanhã, das 14 às 21 horas.

Egito e Bahia

A artista Ester Grinspum abre hoje no MAC, às 18:30 horas, a mostra que ela considera sua mais depurada: "Sobre uma Têmpera Egípcia". São 16 desenhos feitos a partir de esboços pacientemente anotados durante o mês em que Esther esteve "relogiada" no Metropolitan Museum de Nova York: "Eu chegava de manhã e só ia embora quando o museu fechava". Fascinada pelas têmperas egípcias, assim que voltou ao Brasil, em 1982, ela se pôs a desenhar. Em um mês a série estava concluída. A ideia inicial era reunir o trabalho, feito em aquarela e lápis, em um livro (com projeto gráfico de Massao Ohno e apresentação de Fábio Magalhães e Mário Schenberg) que exibisse o conjunto dos desenhos. Mas como quase tudo no Brasil, principalmente em épocas de crise, o projeto teve de ser adiado.

Ester fez então duas exposições: "Espaço de Amostragem", na Galeria Funarte Macunaíma, no Rio, e "Três Exercícios Gráficos" na Galeria do Sol, em São José dos Campos. Quando percebeu que não seria mesmo possível editar o livro, como planejara, decidiu expor os desenhos. Utilizando papel de algodão, feito à mão, ela escolheu um dos esboços da têmpera egípcia "Tomb of Djehumhab" e a partir dele elaborou a série que compõe a mostra. Para a artista, formada em Arquitetura pela Faculdade de Urbanismo e Arquitetura da USP, esta exposição "é a síntese do meu trabalho". Seus desenhos conservam um certo lirismo, presente na obra de Matisse, Miró e Klee que, além dos egípcios, também inspiraram a obra de Ester, a primeira a reconhecer estas influências. Por que o lápis? Por ser uma coisa de criança. "O lápis é uma síntese da minha compreensão da forma, ele fecha o desenho, é o toque final".

"Sobre uma Têmpera Egípcia" fica



Agostinelli, esculturas em pedra

aberta ao público das 13 às 18 horas, de 3ª a 6ª feira, no MAC.

O MAC, que muitos pensam, erroneamente, estar fechado ao público em virtude de algumas reformas em seu prédio, também abriga a mostra "Artistas Contemporâneos da Bahia", que reúne trabalhos de seis artistas baianos pouco conhecidos aqui: Bartira, César Romero, Francisco Liberato, Juraci Dorea e Murilo, além de Sante Scaldaferrì. São 35 pinturas que expressam, na opinião de Wilson Rocha, introdutor do catálogo, "a visão contundente, a força expressiva e a vigorosa plasticidade destes artistas emergentes da nossa região nordestina". Com esta mostra o MAC inaugura um projeto que pretende trazer regularmente a São Paulo exposições coletivas de artistas de outros estados, com a finalidade de traçar um panorama da arte contemporânea do País em sua heterogeneidade. Com a mostra, os artistas homenageiam a Rubem Valentim, que exibirá cinco objetos e cinco relevos de sua obra mais recente.

Objetos

A galeria de arte Raquel Arnaud Babenco abre hoje suas portas para uma vernissage dos objetos de Willys de Castro, um dos pioneiros do movimento construtivista no Brasil (uma posição artística que se baseia na ideia de que a obra de arte é uma construção e não apenas a mera representação da natureza, do real).

A importância desta mostra reside, além da qualidade dos trabalhos, no fato de ser esta a primeira individual de Willys em São Paulo, depois de 20 anos. Ele nunca expôs com o grupo concretista paulista por discordar de suas diretrizes, e por isso, em 1959, juntou-se ao Grupo Neoconcreto, no Rio de Janeiro. Fundador e participante do Movimento Ars Nova e do grupo Novas Tendências, em São Paulo, Willys já participou de diversas bienais, no Brasil e na Europa. Esta é sua quinta individual e para marcar sua volta à cidade selecionou oito trabalhos recentes, feitos em ferro tratado, aço inoxidável e alumínio, para serem fixados na parede ou simplesmente apoiados no chão.



"O Conselho", um dos retratos do cotidiano de Ivanir Vianna

Seus objetos são peças verticais, que se assemelham a elementos de esquadrias. Em todos, o artista parte de uma unidade, que é quebrada por intermédio da introdução de elementos assimétricos. Com isso, ele leva o observador a pensar sobre as etapas "do fazer do objeto". Este não é algo pronto, acabado, mas sim uma reflexão sobre o próprio processo de sua feitura. Suas peças brilham, mas este brilho é modificado de acordo com a posição do observador. Em síntese, seus objetos precisam ser pensados, reconstruídos, mas também sentidos. Os trabalhos de Willys poderão ser vistos até o dia 7 de outubro, das 10 às 21 horas, de segunda à sexta, à av. 9 de Julho, 5719.

Imagens "desgastadas"

Carmela Gross, com a mostra "Quasares", é a artista convidada para inaugurar hoje, às 18h30, no Centro Cultural São Paulo, as atividades do Espaço Arte Brasileira Contemporânea, um projeto de exposições, debates e pesquisas sobre as transformações de linguagem na arte e na cultura. O Espaço também pretende incentivar a exibição da arte contemporânea. Inaugurado em 1980 na Funarte do Rio, ele amplia agora seu raio de atuação para outros estados.

As 11 imagens impressas em off-set que compõem "Quasares" foram concebidas pela artista a partir de pequenos desenhos recolhidos de ilustrações impressas: "Pelo controle de sucessivas operações técnico-mecânicas pude operar a configuração inicial das imagens para romper os limites de uma visualidade reconhecível. Des-construo o desenho para poder discutir, no campo das probabilidades, a sua concepção original", define ela. Em seu trabalho, a relação da tinta com o papel passa a ser uma relação ambígua, problemática. Percebe-se nitidamente a intenção de separar a tinta do papel. Através de imagens fora de registro, a tinta parece estar uma polegada acima do papel.

Esta nova proposta do trabalho da paulista Carmela Gross, considerado pela crítica especializada como um dos mais interessantes da Bienal de São Paulo, em 1981, poderá ser vista até o dia 13 de outubro, no Centro Cultural.

Retratos do cotidiano

O carioca Ivanir Geraldo Vianna, radicado em Brasília, é o artista convidado pela galeria Portal (rua Augusta, 1961) para uma curta exposição - de hoje até 24 deste mês. O universo de seus desenhos, retratado em preto e branco, é o cotidiano, são cenas de lugares pobres, figuras de olhar estático, tenso. Para o artista, não se deve esconder a realidade através de expressões posadas, simuladas: "Eu assisto a uma cena que me emociona, mentalizo-a e depois a transponho para a tela, unindo-a ao sentimento que me provocou."

Ivanir já expôs em diversos países e para esta sua mostra individual na galeria Portal selecionou uma série de 30 desenhos. Aos que perguntam porque não há cor em seu trabalho, ele justifica: "Eu retrato a vida, e a vida não é colorida, é cruel."

A galeria Skultura (alameda Lorena, 1593) exhibe, a partir de hoje, às 21 horas, esculturas de Agostinelli, peruano naturalizado brasileiro que até os 40 anos dedicou-se apenas à pintura, mas depois trocou o pincel pelo maçarico, solda e ácidos - modernos instrumentos da escultura. Ele já expôs seus trabalhos em diversas galerias dos Estados Unidos, Europa e América Latina. Cada uma de suas esculturas é para ele um emblema de sua consciência planetária.

Na Arte Contemporânea (alameda Tietê, 46), haverá hoje a vernissage de Roberto de Abreu Filho ou Maninho, como é conhecido o artista. A mostra reúne 17 pinturas a óleo deste baiano que, autodidata, considera a Bahia sua grande escola. Esta é sua primeira individual em São Paulo e vai até o dia 1 de outubro.

Amanhã, a galeria Grossman inaugura a mostra de óleos sobre tela, que se prolonga até o dia 30, de Geraldo Orthof. Nascido em Viena de uma família de intelectuais, ele foi aluno do expressionista Karl Hofer em Berlim. Em 1973, aos 70 anos, ele abandonou suas atividades como publicitário e desde então dedica-se exclusivamente à pintura. Esta é a primeira vez que expõe em São Paulo. A galeria Grossman fica à rua Bela Cintra, 1941.